



IMPREVISÍVEL

Ludimila Ribeiro de Mello¹

“Que não se pode prever, súbito, aquilo que não se prevê, desconhecido. Será possível que além de desconhecermos seu destino desconheçamos também o quando? Podemos passar uma vida sem sabermos como e quando ela se dará? Haverá dor? Desespero? Quem chorará por nós? Pior, quem rirá de nossas antigas piadas? Se não podemos conhecê-la, não podemos nos preparar, assim sendo nosso destino não nos cabe. Estará esse nas mãos de outro? Se sim, que escolhas fará por nós?

Será a morte realmente imprevisível?

Creio que não. Talvez algum filósofo de nome alemão pudesse definir esse sentimento de liberdade (ou livre arbítrio) de modo diferente. Sempre fiz escolhas e quero continuar a fazê-las mesmo quando se tratar da morte. Posso preferir morrer numa escalada a entregar a vida deitado numa cama... Posso escolher morrer jovem, enquanto todos dizem que sou bonito, produtivo e esperar que assim se lembrem de mim todos os dias... Mas posso querer morrer velho quando terei uma grande família a chorar e a lamentar minha perda... O que importa não é a escolha, mas quando quero fazê-la. Imprevisível... Ora essa!

Não tenho medo da morte...Eu a admiro por conseguir durante milhares de anos de vida inteligente na Terra ainda conseguir esconder segredos que avivem a imaginação e, principalmente, religiões! Eu a admiro por ainda conseguir ser o centro das atenções em meio a um mundo tão materialista... Mas, querer escolher o tempo em que devo me aventurar e qual tempo devo parar, talvez rezar, e morrer... não. A morte não é imprevisível... Ao menos pra mim não será...

Esta carta, deixo-a a todos que se interessem em desvendar o mistério do meu fim. Vou para não dar a Ela o gosto de arrancar-me a vida. Não a estou entregando de bandeja, não. Isso é o que vocês farão, sentados, esperando... Eu estou burlando as leis, as regras, conscientemente escolhendo meu destino, meu fim...

Eu o quero rápido, sem dor, quero ter tempo de dizer adeus a todos que estimo, quero poder comer meu prato preferido e pedir desculpas se é que as devo a alguém. O que quero é escolher o quando...

Imprevisível?”.

¹ ludmila@ig.com.br



Abriu os olhos, a última coisa da qual se lembrava era dos comprimidos e da dor de cabeça que sentira. Agora não sentia mais nada, mal enxergava também. Seria esse o grande segredo da morte? O nada, o vazio, o anestésico? Seria esse o fim de que todos fogem? Bom, ao menos sabia agora o porquê.

Mal podia ver, mas escutava algumas vozes, ali bem próximas, escutou algum choro também. Será esse o inferno? Sentiu que alguém tocou em suas mãos, se esforçou para ver, era a fisionomia de sua irmã, mas como se ela ainda não morreu?...

Naquela condição só pode ouvir a explicação que sua irmã lhe dava. Os médicos haviam feito uma lavagem estomacal e a visão ainda estava turva porque algumas cápsulas do remédio atingiram a corrente sanguínea, mas tudo ia voltar ao normal em alguns dias...

Normal? Não queria o normal. Queria o desconhecido, o súbito, o novo. Apesar da decepção, agora podia compreender o adjetivo dado a Ela: imprevisível.